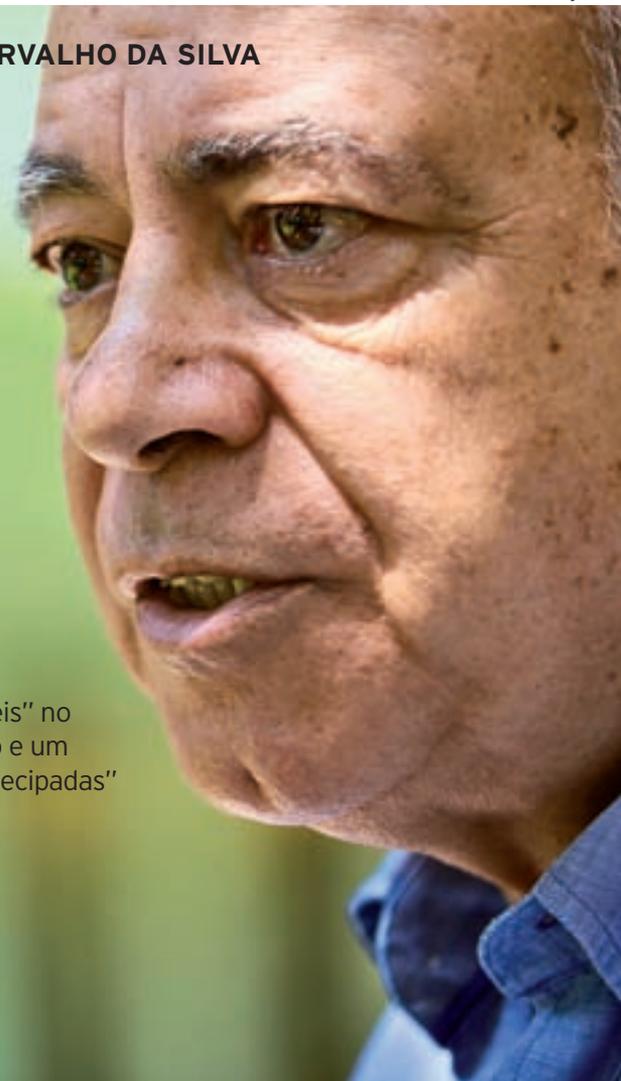


CRISTINA ESTEVES ENTREVISTA MANUEL CARVALHO DA SILVA

“Rasgar o memorando? Não! Mas tem de haver uma revisão profunda”

Antigo líder da CGTP entende que há pontos “inexequíveis” no acordo com a ‘troika’ e, por isso, defende a renegociação e um perdão. Diz que “é muito difícil que não haja eleições antecipadas” e não se assume como candidato à Presidência. — **P4 A 9**





CRISTINA ESTEVES ENTREVISTA MANUEL CARVALHO

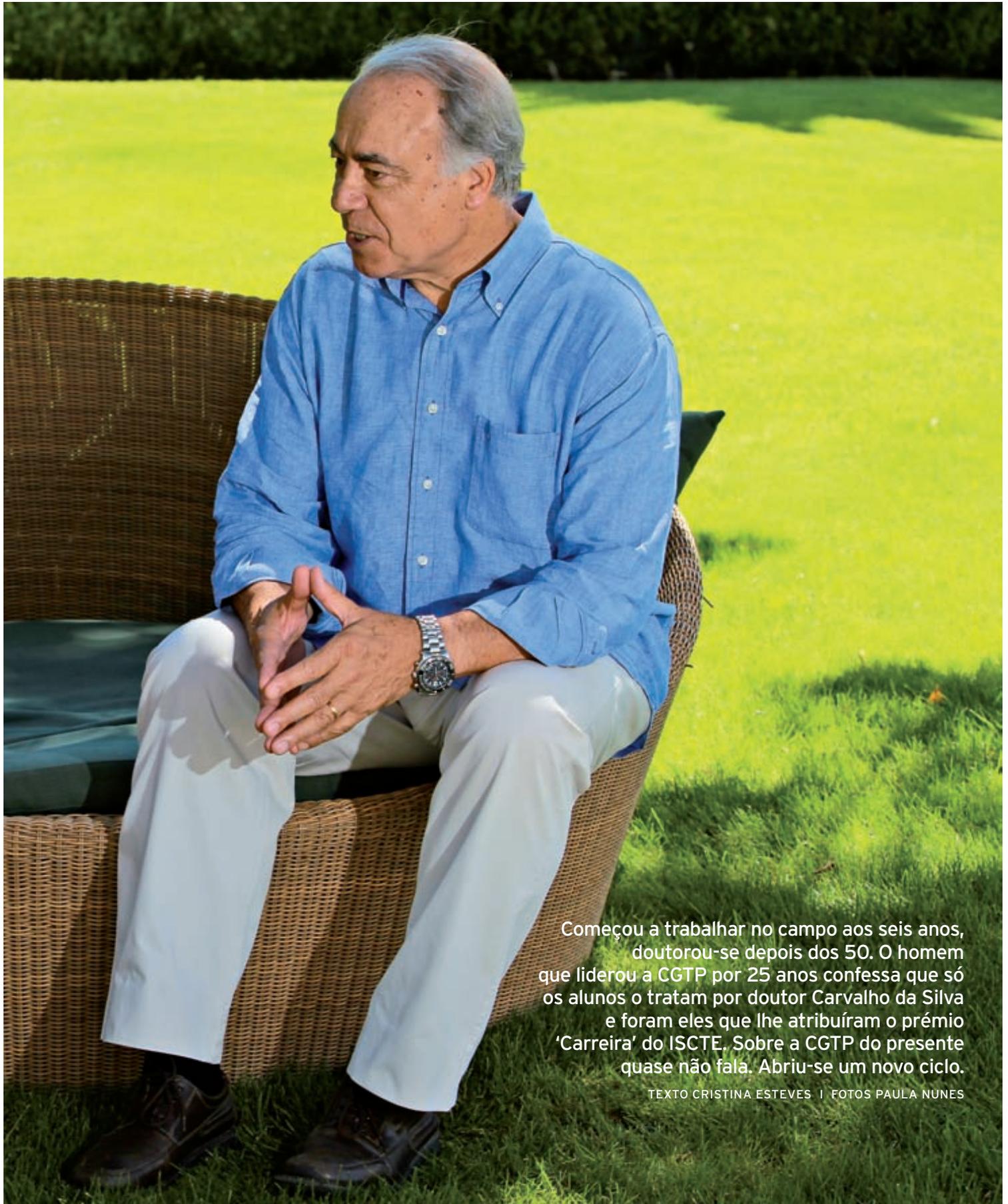


“Querem rasgar o acordo? Não! O Memorando? Não!”



ID: 49115437

06-08-2013

DA SILVA**Especial**
ENTREVISTA
DE VERÃO
Agosto

Começou a trabalhar no campo aos seis anos, doutorou-se depois dos 50. O homem que liderou a CGTP por 25 anos confessa que só os alunos o tratam por doutor Carvalho da Silva e foram eles que lhe atribuíram o prémio 'Carreira' do ISCTE. Sobre a CGTP do presente quase não fala. Abriu-se um novo ciclo.

TEXTO CRISTINA ESTEVES | FOTOS PAULA NUNES

E

CRISTINA ESTEVES ENTREVISTA MANUEL CARVALHO DA SILVA

Política O ex-líder da CGTP critica o volte-face de Cavaco Silva na recente crise política. Confessa ter sentido "alguma simpatia" pelo Presidente, mas agora diz que a sua reeleição foi um dos "maiores problemas" da democracia.

Defende eleições antecipadas...

É muito difícil que não haja eleições. Então, a crise política levou o Presidente da República a fazer um discurso com cargas de preocupações muito grandes. A crise existia e era uma crise política grave. Mas desde que se encontrou uma solução que sirva as forças que estão no poder, que as credibilize, lhes dê mais algum alento, que se submeta o povo à ideia de que não há alternativa, de que se descredibilize uma alternativa, desde que se mantenha a sociedade nacional do interesse instalado, já não há crise política? Não importa se os governantes têm valores éticos e morais e condições para serem reconhecidos como governantes a sério pelo povo, não importa se têm envolvimento que devam levar a outras precauções, não importa se são competentes...

Portanto, o Presidente da República está directamente envolvido nas políticas deste Executivo? É co-responsável?

Não tenho nada do ponto de vista pessoal contra o Presidente da República. Confesso que, ainda no decorrer do seu primeiro mandato, tinha até alguma simpatia em relação a alguns aspectos do comportamento dele e tive oportunidade de exprimir isso. Mas, com o evoluir das coisas, com a forma como se comportou, passei a considerar, desde há bastante tempo, que a eleição deste Presidente foi um dos problemas maiores que nos aconteceram depois do 25 de Abril de 1974 e, em particular a sua reeleição.

Não tem força? Não tem credibilidade?

Não ajudará à resolução dos problemas dos portugueses.

E os novos elementos do Executivo?

Não sabemos o que vai acontecer, mas as políticas vão continuar a ser as mesmas.

Acredita no poder negocial de Paulo Portas com a 'troika'?

Como é que nós saímos daqui? Olhando a nossa condição. Primeiro, somos europeus mas há uma realidade no mundo muito mais ampla que nós temos que olhar e ver o que podemos fazer. E há muita gente, da esquerda à direita, da direita à esquerda, que tem ideias sobre o que fazemos. Segundo, utilizarmos as nossas capacidades e as nossas forças. É preciso que a realidade seja exposta de forma a que não impeçam os estatísticos. As quatro confederações patronais principais deram um documento importante há umas semanas. Se formos ver esse documento, o que lá está escrito, e agora os comportamentos táticos à chamada crise política, é uma contradição monumental.

Isso significa o quê?

Vai ser preciso uma clarificação do cenário político. Vai ser muito difícil, se não impossível, encontrar uma solução para o país, sem pôr

em causa o quadro político-partidário que nos conduziu nas últimas quase quatro décadas.

E como é que isto tudo se reflecte na composição das forças políticas, nas forças sociais?

Respeito, de forma muito séria, as posições de cada força. Portanto, respeito as posições que o Partido Socialista assume, mas também respeito, e muito, o Bloco de Esquerda, o Partido Comunista, e não tenho dúvidas em reconhecer que muitos dos seus protagonistas estão a insistir em determinados caminhos, profundamente convictos que é por ali que não-de conseguir forças. Julgo que vai ter que haver cedência, vai ter que haver busca de convergências.

Entre a esquerda e a direita?

Sim, a esquerda e a direita continuará a existir. A sociedade tem de mostrar, de forma muito clara, a sua estrutura de classes e os interesses de classe têm de manifestar. Vamos, a partir de uma discussão muito séria, ver de sector a sector, o que fazer. Vamos precisar de uma governação que tenha crédito, uma governação em que os portugueses acreditem. Os portugueses neste momento não acreditam.

O que espera do novo ministro da Economia? Pires de Lima é um gestor, um empresário...

De um grande grupo empresarial.

E um crítico em relação a algumas das opções tomadas...

Um homem, do ponto de vista conceptual, profundamente conservador. Como acho que a sociedade não vai para ter progresso, não vai consegui-lo deitando mão de concepções retrógradas e concepções ultra-conservadoras. Acho que isto não tem saída. Ou seja, não se vê evolução até este momento a nível europeu que nos dê o mínimo de esperança de que as coisas vão mudar, não há nenhum indicador macro-económico, macro-político, que nos aponte que as coisas estão para mudar. Infelizmente, hoje somos condenados a ter que admitir todos os cenários.

Mas este é um dos momentos mais difíceis da nossa História?

É, inquestionavelmente. Os portugueses foram apanhados num certo movimento em contrapé. Estávamos num passe ainda de arranque, com muita expectativa positiva, e as coisas a parecerem muito fáceis, ou mais fáceis do que eram na realidade.

Tudo era fácil, o crédito era fácil...

O crédito era oferecido... Tinha-se tudo emprestado, não havia limites, embora isso tudo constituísse apenas uma parte pequenina do problema, porque sabemos que o comum dos cidadãos não andou a gastar acima das suas possibilidades. Isso foi uma construção quando falámos do crédito à habitação ou do crédito ao consumo. O crédito à habitação foi uma estratégia da banca e não só, porque era mais vantajoso para essas en-

“

O Estado não é soberano... o que passou a ser soberano foi a dívida.

A história das dívidas é uma história de perdões.

[Pires de Lima é] um homem profundamente conservador.

Não nos tornámos novos-ricos ao querer comprar casa, fomos comprar casa porque era mais barato.

PERFIL

Um quarto de século como sindicalista

Manuel Carvalho da Silva, 64 anos, nasceu numa família de agricultores, em Viatodos, Barcelos. Electricista de profissão, formado pela Escola Industrial de Braga, cedo foi chamado para cumprir o serviço militar na guerra colonial, em Cabinda, entre 1970 e 1972. No regresso trabalhou na empresa Chromolit e, depois, na electromecânica Preh de onde deu o salto da Comissão de Trabalhadores para um longo percurso no sindicalismo. Durante 25 anos liderou a CGTP, primeiro como coordenador e, a partir de 1990, como secretário-geral. Deixou a intersindical há dois anos para se dedicar a uma vida académica tardia. Licenciou-se em Sociologia no ISCTE, em 2000, e sete anos depois defendia a tese de doutoramento "A centralidade do trabalho e acção colectiva. Sindicalismo em tempo de globalização". Hoje é investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e professor de Sociologia na Lusófona. Manuel Carvalho da Silva, que é um dos organizadores do Congresso das Alternativas, mantém um futuro político em aberto.

tidades do que o arrendar de habitação. Não nos tornámos novos-ricos ao querer comprar casa, fomos comprar casa porque era mais barato.

Chegámos a ser novos-ricos?

Não, não, só se criou a ilusão. O povo criou a ilusão, depois começou-se a não aumentar os salários, e em contrapartida a oferecer créditos. Penduraram uma parte das pessoas. Depois, veio esta crise e transformou-se a dívida da banca ou os buracos dos negócios de corrupção e compadrio em dívida pública que se tornou soberana. A soberania saiu do Estado. O Estado não é soberano, as suas leis não são soberanas, a Constituição não é soberana, os órgãos de soberania não são soberanos. O que passou a ser soberano foi a dívida. O povo foi convocado a pagá-la, criando-se a ideia de que tinha produzido aquela dívida, o que não é verdade, é mentira. Uma grande parte não foi o consumo das pessoas... A partir daí estavam criadas as condições para dizer que andámos a viver acima das nossas possibilidades e toca a fazer sacrifícios.

Em vão?

Em absoluto, esse é que é o drama. Se não estivéssemos de facto numa sociedade de classes e se não houvesse alguns que beneficiam, nacionais ou estrangeiros, era caso para dizermos "isto é um sofrimento sem sentido", porque o empobrecimento pelo empobrecimento é uma aberração.

Mas há quem beneficie por isso?

Claro! Desde logo os nossos credores. A dívida foi passada para entidades que têm o poder mais forte sobre nós e, portanto, estão em condições de nos aprisionar.

Defende a renegociação da dívida? Rasgar o acordo com a 'troika'?

Não é rasgar. Estão no domínio do senso comum formulações que não podem ser utilizadas sobre pena de não encontrarmos saída.

A dívida tem que ser paga?

Querem rasgar o acordo? Não! O memorando? Não! Agora, o que há é conteúdos diversos no memorando que são pura e simplesmente inexequíveis. Não é possível executá-los, então tem que haver uma revisão profunda. Com quem é que se revê isso? Devia ser com as entidades que nos estão próximas. Ou seja, a União Europeia, como entidade política e não como uma entidade de gestão dos negócios. A renegociação da dívida é uma renegociação com todos os credores e nos credores também lá está a 'troika'.

A nossa salvação poderá passar por um 'haircut'?

Qual é a história das dívidas? É uma história de perdões, de uma parte significativa ser de perdão. Então temos de ter esse perdão? Temos que encontrar forma, porque se não cada vez pagaremos menos. Agora, não fiquemos aqui a hipotecar gerações, umas atrás das outras. ■



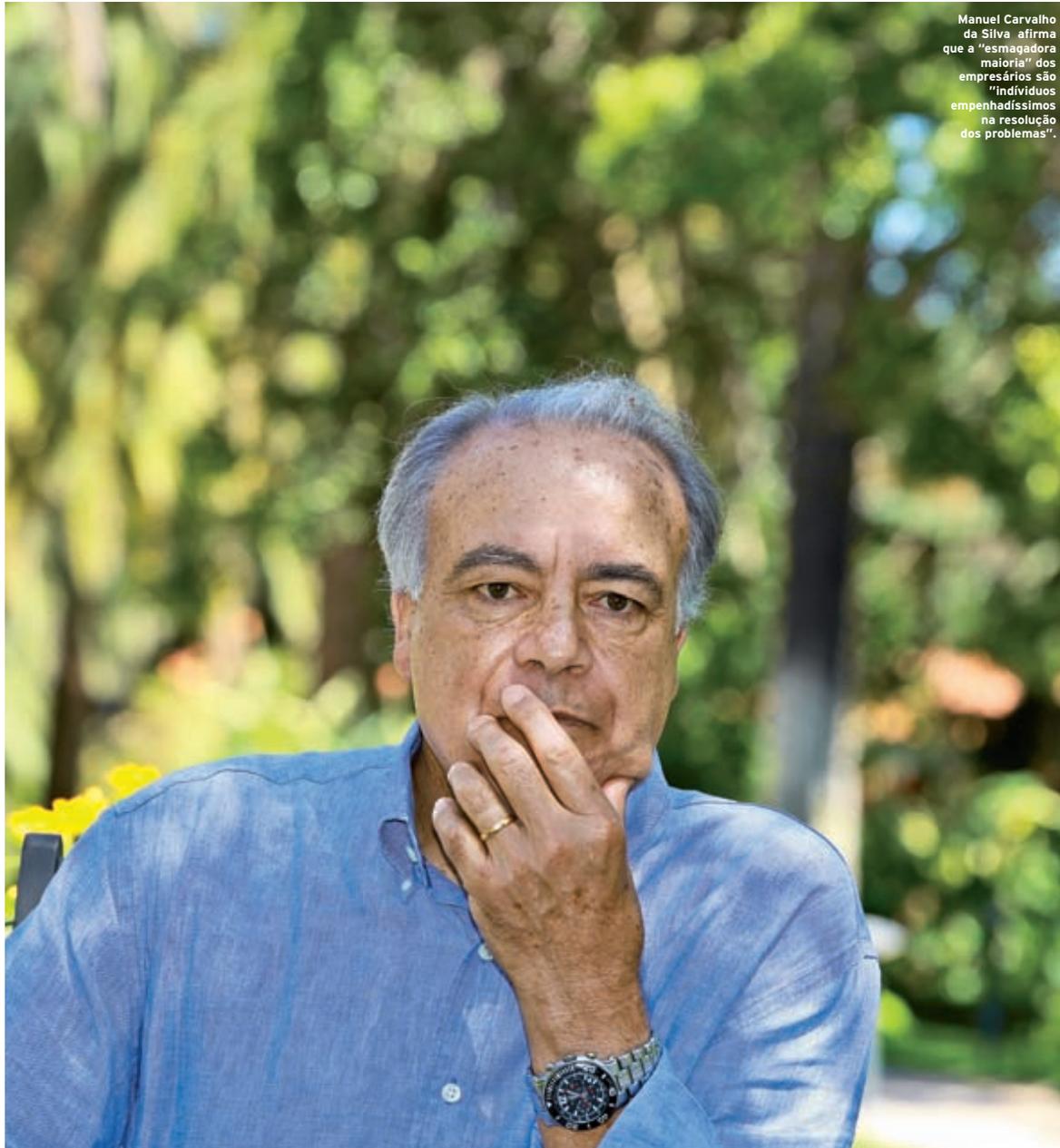
“Marcelo tem

Manuel Carvalho da Silva diz que a esquerda não valorizou “tanto quanto devia” as últimas duas eleições presidenciais.

Ao ouvi-lo, ouço o sociólogo, ouço o sindicalista, o crítico. E candidato à Presidência da República? Marcelo Rebelo de Sousa, inclusive, já disse que um dia se calhar ainda se iriam defrontar... Diz-me isso muitas vezes quando se cruza comigo só por uma razão: é que o Marcelo tem uma obsessão por ser candidato a Presidente da República... Não estou a fazer aqui nenhum juízo de valor do Marcelo Rebelo de Sousa. Depois tem necessidade de dizer: cá estou no combate! **Seria um adversário que gostava de ter?** Não me oriento por esses pressupostos.



Especial
**ENTREVISTA
DE VERÃO**
Agosto



Manuel Carvalho da Silva afirma que a "esmagadora maioria" dos empresários são "indivíduos empenhadíssimos na resolução dos problemas".

"Há um défice de formação dos nossos empresários"

Como é que são os nossos empresários?

Há de tudo. Uma grande parte dos empresários são indivíduos empenhadíssimos na resolução dos problemas, a esmagadora maioria, pequenos, médios... Há um problema que muitas vezes se observa que é importante: défice de formação dos nossos empresários. Os empresários vivem debaixo de práticas de financiamento que não se voltam para o apoio às actividades produtivas. Os custos de contexto são irracionais, veja os produtos energéticos. São os grandes grupos de distribuição, por exemplo, que em nome da resposta a necessidades prementes aniquilam milhares e milhares de pequenas empresas e, portanto, provocam muitos mais prejuízos do que lucros no imediato. Estamos nesta mudança de era. Há 20 anos era impensável termos a situação que temos hoje. O sistema capitalista está a mostrar contradições numa dimensão nunca foi conhecida. A Europa, por exemplo, não vai ter acesso a matérias-primas nas próximas cinco ou seis décadas, como teve nas seis décadas anteriores. Isto são alterações profundíssimas.

Ainda assim, a democracia é o mais perfeito entre os imperfeitos? O capitalismo também?

Mas está a desencadear situações de bloqueio muito grandes e a aumentar muitas contradições. O sistema capitalista não vai ser o último sistema da História da humanidade. Acho que se o quiserem encaminhar por aí, será mais fácil que venha a provocar situações de destruição da humanidade do que de continuação da humanidade. Creio que haverá outros sistemas. Até hoje, o único que foi ensaiado, que tem princípios e que mostrou que pode fazer algum caminho, é o sistema socialista. Mas as experiências adoptadas, também deram buraco em relação a muitas coisas. Agora, há valores de equilíbrio entre o individual e o colectivo, há valores de universalismo, há valores múltiplos que se concertaram nestas extensões entre sistemas no século XX que vão ter que ser repostos.

Mas com níveis de corrupção elevadas também no socialismo. Sem classe média e com muita pobreza.

Sim, sim. Mas, atenção, o que foi feito do lado de cá, também foi feito em tensão como o que existia do outro lado. A situação actual mostra claramente que a sociedade é dividida em classes e usando aquela velha imagem do Churchill logo a seguir à Segunda Guerra Mundial, e não estou a falar de nenhum marxista, mas adaptando a outra linguagem, para se fazer um muito rico é preciso colocar muitos, muitos indivíduos a sofrer e isso está-se a ver. Se as empresas estão a ganhar e se isso se reflecte no jogo da bolsa, isso é um bom sinal, é sinal de que há riqueza para distribuir. O problema é para onde é que ela está a ir. Um dos factores que leva à continuação e agravamento da crise, situa-se exactamente no facto de muitos dos resultados que as grandes empresas obtêm não estarem a ser reinvestidos.

uma obsessão por ser candidato a Presidente da República"

O quê é que poderá levá-lo a candidatar-se à Presidência?

O que orienta a minha vida são os valores, princípios, campos de trabalho escolhidos. Um deles foi o sindicalismo, durante muito tempo, o outro é a intervenção, o estudo. Participo em imensos debates, conferências. Há muita gente, alguns até próximos, que pensa "este tipo tem na cabeça isto ou aquilo". Não é verdade.

Mas se surgir...

Sou um cidadão com mais de 35 anos, nota-se... Tenho compromissos de vida, uma filha de dez anos e quero acompanhá-la no seu crescimento... Tenho que fazer um esforço nesse plano, mas tenho direitos. Se tiver possibilidades de ir dando um contributo de reflexão sobre questões sociais, cruzando-as com a minha

experiência de vida, chegando da análise do social e do económico e do cultural ao político, vou dando. Agora, não imagino o que vai acontecer.

Um percurso na vida política está afastado?

Tenho muita pena que a esquerda não tenha valorizado tanto quanto devia, nas duas últimas eleições, com a dimensão que se exige, a abordagem e a apreciação do que é o cargo do Presidente da República. Como se vê, tem poder, pode haver um Go-

verno de iniciativa presidencial que esteja para além da fórmula que até hoje se conhecia na Constituição. Não gosto da formulação 'salvação nacional', mas temos que encontrar uma capacidade de mobilização nacional, de ter as instituições portuguesas, as forças sociais e económicas numa certa convergência para termos força junto dos nossos credores, para termos força na União Europeia, para nos apresentarmos com crédito nas relações com outros espaços no mundo, nós precisamos disto. A saída está por aí.

E como criar emprego?

Discutir a inovação para criar emprego, o social, a resposta aos grandes avanços da sociedade, do ponto de vista humano, a indústria não é num imaginário passado. Há que dar atenção às

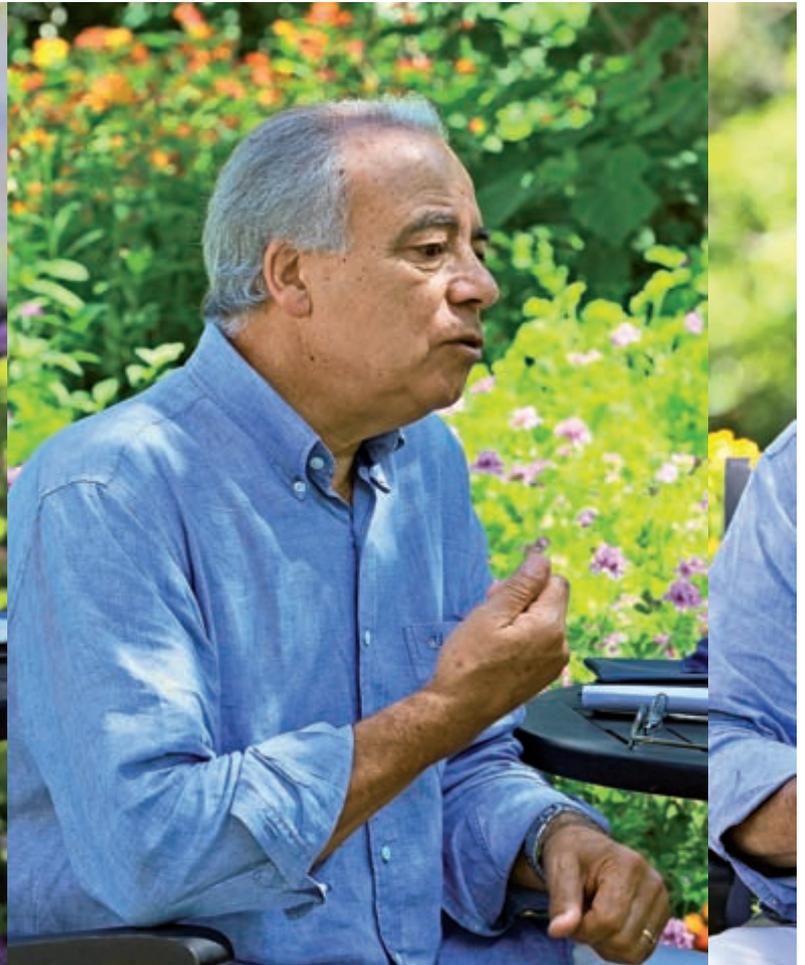
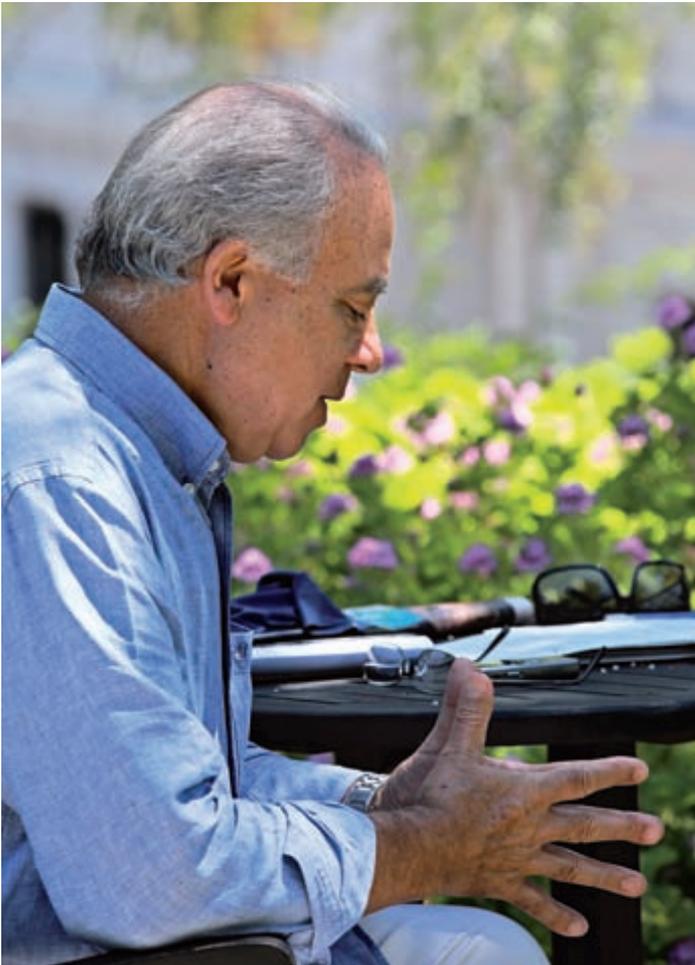
situações de carências gritantes e de pobreza. O nosso esforço não pode ser somente para pagar dívidas. A presença da esquerda, ou se quisermos, as diversas forças de esquerda, é absolutamente imprescindível, vai estar aí a saída de progresso. Os sindicatos até podem ser obrigados a muitas reformulações, mas as organizações do mundo do trabalho têm de ser chamadas a ajudar à saída. E com boas organizações empresariais e aquilo que é a dinâmica empresarial, participada do ponto de vista individual e colectivo, tem que estar no cerne do processo. Este é o caminho. E portanto, quando falamos em governação, são governos, mas é também o Presidente da República, são os órgãos do país, é tudo. Este é o cenário. ■

“

A presença das esquerdas é imprescindível, vai estar aí a saída.



CRISTINA ESTEVES ENTREVISTA MANUEL CARVALHO DA SILVA



“O trabalho está ser esmagado pelos seus

Sindicalismo Deixou a CGTP há mais de um ano, mas ainda a sente como ‘sua’. Segue a agenda dos sindicatos e alerta para

Elogiado na saída da CGTP, até por quem criticou, como alguns empresários, Carvalho da Silva continua a apontar o dedo aos poderes e interesses que condicionam os trabalhadores.

Deixou a CGTP há mais de um ano. Tem saudades?

Não. Já fui sindicalista e tenho esta sorte de já ter passado os 60 anos e andar todos os dias com desafios novos, com coisas novas...

Pós uma pedra no assunto? No sindicalismo?

Uma pedra no sentido de identificação dos valores, de atenção aos problemas, não...

Dizem que quem é sindicalista, é -o até morrer.

Sim, sim. E espero ser toda a vida. Agora, do ponto de vista de desenvolvimento de actividade, não. Espero nunca me distanciar dos valores, da preocupação, dedicação, atenção aos problemas do mundo do trabalho e à interpretação daquilo que são os anseios e objectivos dos trabalhadores e trabalhadoras. A vida tem outras dimensões e é preciso intervir noutros espaços que não apenas no sindicalismo.

Mas sente a CGTP como sua? Isso sinto.

Ficaram lá as suas sementes, ainda está lá muito de si?

Está alguma coisa, naturalmente, de mim e de todos aqueles que me acompanharam.

Quando saiu da CGTP foi elogiado por vários quadrantes políticos. Ficou surpreendido, depois das inúmeras críticas que fez, nomeadamente aos empresários?

Aliás, em sede de concertação social era intransigente. É verdade que quando entrava numa dessas reuniões, por exemplo, na altura de Manuela Ferreira Leite, conseguia logo irritá-la?

Um ano e meio depois, a CGTP está muito diferente daquela que deixou?

Não me debruço sobre esse ângulo de análise, não quer dizer que amanhã não me debruce. As coisas estão muito recentes. Acho que a equipa que está na CGTP, e as equipas que estão nos sindicatos, estão a fazer um grande esforço, mas os tempos são muito difíceis.

Houve uma greve conjunta que não teve os resultados esperados, pelo menos, por alguns sectores.

No meio desta situação, os sindicatos saem fortalecidos?

Há limitações diversas...

As greves nada resolvem?

Resolvem e os trabalhadores não podem abdicar delas.

O problema é: como damos eficácia às armas que temos e como descobrimos armas novas numa sociedade que está cheia de bloqueios e armadilhas?

Há agora uma maior convergência entre CGTP e UGT?

O desemprego aumentou e baixaram as contribuições para os sindicatos...

O desemprego aumentou, há um permanente ataque ao valor do trabalho nas dimensões todas que ele conquistou ao longo deste século e meio. E, portanto, há um retrocesso social e civilizacional que põe em causa aquilo que são as bases do sindicalismo.

O sindicalismo precisa de ser revisito?

O sindicalismo está sempre em revisão, isso é inevitável. O sindi-



As greves resolvem e os trabalhadores não podem abdicar delas.

As instituições que nos trouxeram até aqui estão em esgotamento no que respeita aos papéis que lhes conhecíamos.

Tenho formação católica, procuro ter presente e reflectir os princípios e os valores.

calismo e o direito do trabalho assentam em pressupostos muito claros. Um deles é que a representação dos trabalhadores tem de ser feita de forma colectiva para que haja equilíbrio nas relações. O outro é de que a sociedade deve ter bases mínimas na regulação do trabalho. Todo o processo de diálogo e de negociação tem um pressuposto: conseguir, em função das situações concretas das empresas e sectores, melhorias acima desse nível mínimo. Hoje, quando falamos em harmonização, o que vemos é uma harmonização no retrocesso. Argumenta-se que “eu não tenho, aquele tem, então aquele deixa de ter para ficar igual a mim”. Isso vê-se na discussão dos direitos dos trabalhadores na administração pública ou no sector privado, umas vezes invoca-se os de um lado para retirar a outros...

É o nivelar por baixo?
Isto é um absurdo à luz de todo o percurso feito. A sociedade tem mais capacidade para produzir riqueza, e aquilo que foi sendo consagrado como direitos, e só há direitos adquiridos, têm sempre um pressuposto, que são os deveres. Ora, toda a evolução da estrutura empresarial, a estrutura econó-



Especial
ENTREVISTA
DE VERÃO
Agosto

“Não renego a formação católica”

Carvalho da Silva confessa que tenta reflectir os valores e princípios que a formação católica lhe transmitiu.

Nasceu no norte, no concelho de Barcelos. São seis irmãos e lutou muito para conseguir estudar.

Lutei e tive algum resultado. As minhas irmãs nem tiveram direito a lutar e eram alunas excepcionais. Aliás, tenho uma irmã que fez a quarta classe em três anos porque lhe foi conhecida uma capacidade acima da média. O que é que isso lhe deu de vantagem? Foi trabalhar para o campo mais cedo.

Era também o seu destino?

Era o meu destino e onde andei também. Era a condição natural de quem era filho de agricultores. **Começou a trabalhar com que idade no campo?**

A ter funções de pastor, ou seja, ir com as vacas e com os bois para o campo, talvez com seis, sete anos, depois ia trabalhando. Muitas vezes, no Verão, recordo-me que antes de ir para a escola, e as aulas começavam às nove da manhã, já tinha ido com o meu pai e com as pessoas que lá trabalhavam no campo fazer um carregamento de qualquer coisa. Levantar às 5h30, 6h... Depois fiz a quarta classe.

E foi difícil convencer o seu pai para continuar...

Sim, quando fiz a quarta classe fui trabalhar para o campo, logo aos dez anos. E aí, como era fisicamente desenvolvido, dava jeito, já fazia trabalhos com alguma dureza. Depois o meu pai foi convencido pelo professor principal. Ele já andava a chatear o meu pai para eu ir para a escola, mas ele não deixava. Na Páscoa lá disse: ele vai. Porque da Páscoa ao final de Junho, quando se fazia o exame, era um período muito curto. O meu pai partiu do pressuposto que eu ia mas já sem qualquer hipótese. Consegui e fiz um bom exame.

Depois foi electricista...

Fiz o ciclo preparatório, depois tinha o sonho de aprender coisas ligadas à electricidade. Para a minha infância nunca aldeia, a electricidade era algo de muito avançado, muito tecnológico. Finais dos anos 50...

Começava a surgir a televisão.

Sim, recordo-me da primeira emissão, tinha sete ou oito anos. Recordo-me de andar três quilómetros a pé para ir ver a primeira emissão da RTP. Recordo-me perfeitamente de onde vi e a emoção que senti. E, portanto, tinha esse sonho, pedi ao meu pai e ele deixou-me ir para a Escola Industrial de Braga, depois de lhe demonstrar que o preço do comboio não alterava muito. Estávamos em pleno fascismo, mas é uma coisa que é preciso referir: os passes para os alunos eram baratos. Fiz o curso e trabalhei três anos numa oficina de reparação de material eléctrico no Porto.

Depois na década de 90 foi para o ISCTE, onde se formou em sociologia e agora é o doutor Carvalho

da Silva. Chamam-no assim?

Os alunos chamam.

E teve também o prémio Carreira.

Sim, este ano recebi, nos 40 anos do ISCTE, por votação universal.

O que é que sentiu? O sindicalista, o homem que teve mais de 30 anos na CGTP, mais de 25 anos à frente da CGTP? O doutor Carvalho da Silva recebeu um prémio Carreira do ISCTE, onde são formados muitos dos empresários.

Sim... O ISCTE, agora nos seus 40 anos, atribuiu o prémio Carreira em três áreas. O meu era ‘Cargos Públicos’, ao qual eram potenciais candidatos todos os que foram alunos do ISCTE ao longo dos 40 anos nas mais diversas formações, ou seja, licenciatura, mestrado, doutoramento.

Ficou surpreendido com o prémio?

Fiquei, porque foram alunos do ISCTE, imensos ministros, secretários de Estado, figuras públicas, reitores de universidades...

O que é que pensou?

Deve ter havido para ali uma baralhação qualquer, não é? Mas aquilo foi a votação do universo ISCTE, julgo que foi votação electrónica, não sei quantos alunos participaram.

Foi uma surpresa...

É um reconhecimento... Tem um valor simbólico.

Mas dá aulas?

Dou, mas não é especificamente em sociologia, mas dou aulas e organizo debates, procuro cruzar os conhecimentos.

É um investigador...

É preciso conhecer as causas, as origens, o que é que provocou isto.

Quando deixou a CGTP, o que lhe disse a sua família? Tem três filhos...

Sim, dois de uma geração, e a menina de outra. É um desafio grande... e tenho a sorte de ter uma menina impecável.

É católico. Estão todos baptizados?

Não, a mais nova ainda não foi baptizada, mas essa hipótese está colocada. Tenho formação católica que não renego, como costume dizer, e procuro ter presente,

SEGREDOS

● Livro: “A lã e a neve”, de Ferreira de Castro

● Música: “A gente vai continuar”, de Jorge Palma

● Objecto: Ténis, para correr e caminhar

● Site: Informação nacional e internacional

● Local: Muitos sítios em Portugal

reflectir os princípios e os valores e tenho participação. Em Julho estive numa reflexão em Viana do Castelo com o bispo de Viana do Castelo, reflectindo exactamente sobre a fé e os desafios actuais e para onde é que vamos.

Gosta da maneira de estar do novo Papa?

É muito cedo para ter uma opinião. Há um certo sacudir da Igreja que é positivo, agora, como é que vai ser a coisa e como se vai comportar... Eu vou participar na semana social da Igreja Católica, agora em Setembro, convidaram-me também para reflectir. Acho que a Igreja passou um período de um sistema único a nível mundial que foi um mau caminho. Vai ter de ter muita humildade, modéstia, reflexão para olhar o mundo com dimensões de universalismo, multiculturalidade para que a Igreja Católica nem sempre esteve voltada, e isso não ajudou. Este ano tive um problema de saúde com alguma delicadeza e um dia, julgo que foi no domingo de Páscoa, chamei dois amigos para reflectir com eles. Um desses amigos é padre. Isto para lhe dizer que tenho alguma proximidade. Por isso estava a dizer que até equacionamos ver como é que a minha filha assume uma reflexão já com alguma maturidade sobre estas questões.

Qual o momento profissional que mais o marcou?

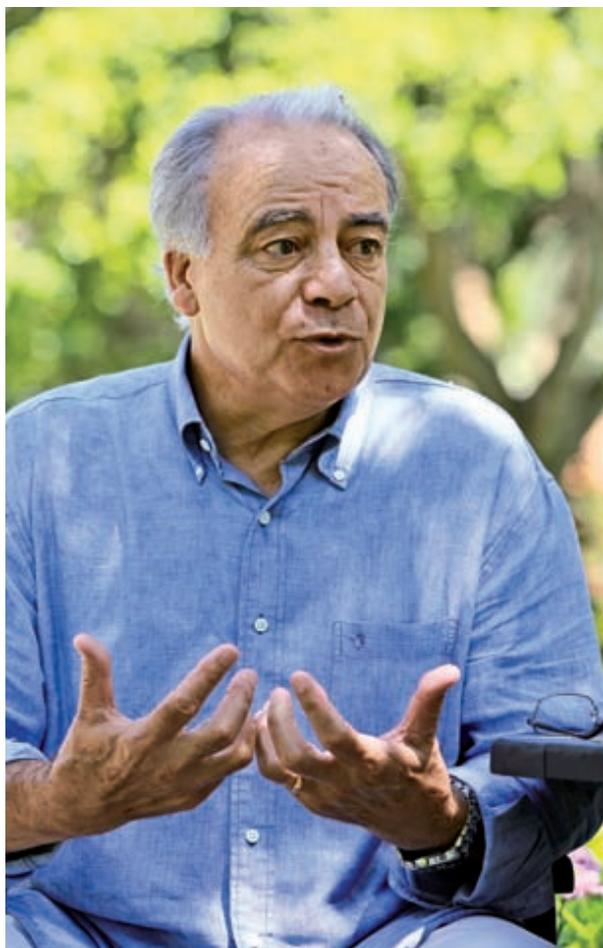
(silêncio)... É muito difícil responder. Foi o período de retomar o trabalho após a vinda da Guerra Colonial. O cruzamento da verdade que levava sobre o país quando fui para a guerra com a verdade que vi do país na Guerra Colonial e um retomar o trabalho num tempo já diferente e onde as contradições no mundo do trabalho se estavam a acentuar. Esse é, provavelmente, o momento que mais me marcou e que mais me impulsionou também do ponto de vista de formação profissional.

E o momento pessoal que mais o marcou?

Foi a morte da minha mãe. O meu pai já tinha morrido. Quando cheguei junto do corpo da minha mãe tive a sensação de não ter nada a proteger-me. Não ter nada para cima, ou seja, agora és tu que tens que dar a continuidade. Acho que isso mostra a imagem do que é o caminhar da sociedade... o chamamento a um quadro de exigências, da necessidade de se acreditar, mas acreditar para fazer. Esse foi talvez o momento, mas houve muitos momentos na vida que me marcaram.

Qual era o título que daria à sua vida se escrevesse um livro?

Há aquele velho título “valeu a pena” e eu espero viver uns bons anos, mas digo que o que já vivi valeu a pena. Mas esse está muito utilizado. Estava a ver se me ocorria algum que pudesse ser inovador... (silêncio) Acho que há duas palavras: “Confiar e agir” é um bom título. ■



valores”

a possibilidade de nova greve geral em breve.

mica deste sistema capitalista, foi-se consolidando, permitindo o progresso às sociedades nesta base e isso é posto em causa hoje. Quer um outro exemplo? A mobilidade. Falamos de mobilidade social sempre a pensar numa melhoria, num passo à frente. Hoje, o que está em curso é uma mobilidade descendente. Isto não tem sentido, porque não procurámos o equilíbrio pela harmonização do progresso.

Harmonização do progresso não quer dizer obrigatoriamente, como dizia há pouco, que para o outro ter, eu tenho que ter também, ou tenho que tirar ao outro para dividir?

Exacto. Aí entram muitos valores. O maior perigo para as relações na sociedade é o desequilíbrio de poderes entre capital e trabalho. **E agora estamos perante o quê?** Estamos na fase de o trabalho estar a ser esmagado nos seus valores, desfocado da sua função. Estamos numa outra sociedade, em que o individualismo, o consumo, as dimensões de um estilo de vida que não são sustentáveis persistem. Estamos numa mudança de era, não estamos num mero acidente de percurso. As instituições que nos trouxeram até aqui estão

em esgotamento no que diz respeito aos papéis que lhes conhecíamos, e as instituições que nos governam não estão formalizadas, não são responsabilizadas, mas nós somos governados por G8, G14, G20... pelas ‘troikas’.

‘Troikas’ externas e também internas?

Sim, ‘troikas’ internas e externas. **Quais são as internas?** Conforme o arco do poder, os partidos da governação... Também o papel da empresa está subvertido.

Como assim?

Houve imensas mudanças... As empresas estão com enormes dificuldades. As empresas comuns, que são a maioria, estão condicionadas por diversos poderes. Em cada sector o que domina são grandes grupos a nível mundial. **Mas neste momento estamos na fase em que queremos chamar o investimento internacional, as grandes multinacionais...** Não são as grandes multinacionais. Nós precisamos de investimento, mas investimento que se integre num projecto de desenvolvimento do país.

Como por exemplo?

A AutoEuropa é um caso positivo do investimento. ■